

FOLHA DOMINICAL

Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor



Primeira Leitura (Act. 10, 34a, 37-43)

Naqueles dias, Pedro tomou a palavra e disse: «Vós sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do batismo que João pregou: Deus ungiu com a força do Espírito Santo a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando a todos os que eram oprimidos pelo Demónio, porque Deus estava com Ele. Nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez no país dos judeus e em Jerusalém; e eles mataram-n'O, suspendendo-O na cruz. Deus ressuscitou-O ao terceiro dia e permitiu-Lhe manifestar-Se-, não a todo o povo, mas às testemunhas de antemão designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois de ter ressuscitado dos mortos. Jesus mandou-nos pregar ao povo e testemunhar que Ele foi constituído por Deus juiz dos vivos e dos mortos. É d'Ele que todos os profetas dão o seguinte testemunho: quem acredita n'Ele recebe pelo seu nome a remissão dos pecados».

A primeira leitura deste domingo recolhe um dos discursos que o autor dos Atos dos Apóstolos atribui a Pedro. É semelhante a outros que, também proferidos por Pedro e outros apóstolos, são intercalados ao longo do livro. Através deles, os principais temas da pregação cristã primitiva têm sido refletidos. O discurso está inserido numa secção que narra a atividade evangelizadora de Pedro na região costeira de Samaria (Atos 9,32–11,18), fora da cidade de Jerusalém. Enquadra-se na última etapa do itinerário: na casa do centurião romano Cornélio, na cidade de Cesareia Marítima. Este é o primeiro pagão convertido ao cristianismo dentro do relato dos Atos e representa todos os não judeus que se uniram a Jesus Cristo. Estas palavras são dirigidas a ele e aos que estão em sua casa. O conteúdo central do discurso é uma confissão de fé expandida: à afirmação central da morte e ressurreição de Jesus, acrescenta-se o sentido da sua vinda, da sua atividade na Galileia e da sua condição gloriosa após a ressurreição. Para Pedro, trata-se de um testemunho que nasce de uma experiência pessoal: ele próprio acompanhou Jesus na Galileia e encontrou-se com ele depois da ressurreição. Ele é testemunha privilegiada da mensagem que proclama. Como todos os discursos nos Atos, termina com um apelo à conversão ou uma oferta de perdão, pois o objetivo é provocar a conversão daqueles que ouvem. É ainda enfatizado que a oferta de salvação é universal. Dirige-se a "todos os que creem em Jesus"; não está restrita a

um pequeno grupo de eleitos.

Segunda Leitura (Cor 5, 6b-8)

Irmãos: Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa? Purificai-vos do velho fermento, para serdes uma nova massa, visto que sois pães ázimos. Cristo, o nosso cordeiro pascal, foi imolado. Celebremos a festa, não com fermento velho, nem com fermento de malícia e perversidade, mas com os pães ázimos da pureza e da verdade.

Paulo convida-nos a refletir sobre o profundo significado da Páscoa cristã. Cristo é o nosso Cordeiro Pascal supremo, que foi sacrificado por nós (1 Cor. 5:7). Ele santificou-nos com o seu sangue, para que a ira de Deus passe por cima de nós. Agora estamos a viver um contínuo Festival dos Pães Ázimos, onde devemos purgar qualquer fermento espiritual (ou seja, pecado) do nosso meio para santificar as nossas vidas. Não é que purguemos o mal das nossas vidas para nos tornarmos santos, pois apenas Cristo nos pode tornar santos como o nosso sacrifício pascal supremo. Esta celebração vai para além de um evento histórico; ressoa com o poder redentor do sacrifício de Cristo e a vitória sobre o pecado e a morte através da Sua ressurreição. O simbolismo da festa dos Pães Ázimos encoraja-nos a viver vidas puras e livres. Além disso, é um chamamento para reconhecermos que Deus é o agente ativo na nossa salvação, desde a entrega de Cristo até à Sua ressurreição. Esta reflexão leva-nos a celebrar a nossa libertação e a viver em gratidão pela graça redentora de Deus.

Evangelho (Jo 20, 1-9)

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo que Jesus amava e disse-lhes: «Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram». Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.

O relato do túmulo vazio está presente nos quatro evangelhos. Na base de todos eles encontra-se a narrativa sinóptica da visita das mulheres ao túmulo no dia seguinte à Páscoa. Na versão joanina, há a particularidade de serem três pessoas a aproximarem-se do

sepulcro progressivamente. O evangelista fornece através delas um itinerário simbólico da fé na ressurreição. As três descobrem que está vazio, mas a reação de cada uma é diferente. A primeira a chegar é Maria Madalena, que nota que a pedra foi removida e conclui que o corpo foi roubado. Depois de contar a dois discípulos, estes vão correndo e confirmam o mesmo. Simão Pedro, indo mais além, repara que os lençóis e o sudário estão cuidadosamente dobrados, o que descarta o roubo, mas não avança mais. Por fim, é o discípulo amado que, ao presenciar o mesmo, vê e crê. Maria representa uma fé deficiente, baseada nos critérios mundanos. Simão é apenas testemunha, enquanto o discípulo amado, à luz das Escrituras, alcança a fé. Esta cena aborda a relação entre ver e crer e antecipa a bem-aventurança final do evangelho: "Felizes os que creem sem terem visto" (João 20,29).

Deus nas letras humanas

Infância, mês de Abril!
Manhã primaveril!
A velha igreja,
Alegre e rumorosa
De povo, luzes, flores...
E, na penumbra dos altares cor-de-rosa .
Rasgados pelo sol os negros véus.
Parece até sorrir a Virgem-Mãe das Dores.
Ressurreição de Deus! (...)
Em pleno azul, erguida
Entre a verde folhagem das uveiras.
Rebrilha a cruz de prata florescida...
Vede! Jesus lá vai, ao sol de Portugal!
Ei-lo que entra contente nos casais;
E, com amor, visita as rústicas choupanas.
É ele, esse que trouxe aos míseros mortais
As grandes alegrias sobre-humanas.
Lá vai, lá vai, por íngremes caminhos!
Linda manhã, canções de passarinhos!
A campanha toca: Aleluia! Aleluia! (...)
Velhos trabalhadores, por quem sofreu Jesus.
E mães, acalentando os filhos no regaço.
Esperam o COMPASSO...
E, ajoelhando com séria devoção.
Beijam os pés da Cruz.

Teixeira de Pascoaes

Avisos Paroquiais | 31 de março a 12 de abril

31| Domingo de Páscoa | 09:00 Início da Visita Pascal

11:00| Eucaristia Solene de Páscoa | Igreja Paroquial

19:00 Eucaristia de Páscoa

01 | Outras leituras | 21:30.

03 | Reunião da equipa de liturgia, em Espinho | 21:30.

05 | Reunião da Pastoral familiar, em Espinho | 21:30.

07 | Abertura da Igreja e dedicação do altar,| 11:00.

08 | Outras leituras | 21:30.

10 | Recoleção com o Evangelho | 21:30.

12 | Reunião com a Pastoral juvenil | 21.30